POETAS MULHERES QUE PENSARAM O SÉCULO XX

Regina Przybycien
Cleusa Gomes
(Orgs.)

Editora UFPR

A prosa degenerada de Hilda Hilst[1]

Eliane Robert Moraes

"É metafísica ou putaria das grossas?" – a questão do personagem de *Contos d'escárnio – textos grotescos* excede o contexto em que é formulada para oferecer uma chave de leitura desse livro que, inclassificável em todos os níveis, soma à desordem narrativa uma total anarquia de referências.[2] Não se trata, portanto, de responder a pergunta, mas antes de atentar para a ostensiva aproximação que ela realiza ao confrontar um termo filosófico com uma expressão das mais chulas. Aproximação que perpassa todo o texto, já que Hilda Hilst insiste nesse expediente do começo ao fim da narrativa, colocando inúmeras citações da alta cultura à prova da mais deslavada pornografia.

Com efeito, esse livro escandaloso – que faz parte da tetralogia obscena publicada pela autora no início dos anos 1990 –[3] propõe um contato inesperado entre pólos opostos, associando o exercício do conhecimento à atividade sexual. Yeats, Kierkegaard, Pound, Lucrécio, Byron ou Catulo são citados ao lado de outros nomes célebres – incluindo figuras brasileiras, como Guimarães Rosa e Euclides da Cunha –, enquanto os personagens se entregam a práticas eróticas perversas, às quais não faltam o incesto ou o sexo com animais. Da mesma forma, obras como *Hamlet*, *Ana Karenina* ou *Morte em Veneza* são convocadas pelo narrador para figurar em um contexto que, sem dúvida, guardaria mais afinidades com os escritos de Rabelais, de Sade ou de Jarry.

Com tantas alusões literárias, não é de estranhar que os principais protagonistas da história sejam todos relacionados à atividade artística. Cras-

[1] Este texto foi originalmente publicado, em versão reduzida, no *Jornal de Resenhas*, Discurso Editorial/USP/Unesp/UFMG/Folha de São Paulo, São Paulo, 10/03/03.

[2] HILST, Hilda. *Contos de escárnio, textos grotescos*. São Paulo: Globo, 2002.

[3] Remeto o leitor aos outros volumes da tetralogia, na mesma edição das Obras Reunidas de Hilda Hilst, a saber: *Cartas de um sedutor*. São Paulo: Globo, 2002; *Bufólicas*. São Paulo: Globo, 2002; e *O caderno rosa de Lori Lamby*. São Paulo: Globo, 2004.

so, o narrador, é um sexagenário que resolve escrever seu primeiro livro, motivado pela baixa qualidade dos textos que lê: "ao longo de minha vida tenho lido tanto lixo que resolvi escrever o meu". Ao narrar suas memórias sexuais, ele concentra a atenção em Clódia, parceira de extravagantes jogos eróticos, que é uma artista plástica obcecada pela imagem dos órgãos sexuais. Por fim, a esses dois personagens debochados vem se acrescentar a figura melancólica de Hans Haeckel, um "escritor sério" para quem a literatura era "paixão, verdade e conhecimento", que se mata com um tiro na cabeça.

Se é que se pode falar em enredo, o livro conta as peripécias de Crasso à procura de inéditos de H. H., o que rapidamente se transforma em pretexto para sua descoberta do erotismo, evocando as convenções do romance de formação. Assim, ao longo de sua peregrinação, conforme vai encontrando os estranhos manuscritos do escritor morto, o personagem também fica conhecendo toda a sorte de aventuras lúbricas – ou de "bandalheiras", como prefere Hilda Hilst. Para além da experiência carnal, tais descobertas lhe exigem, como estreante na literatura, a busca de uma via expressiva.

Como representar o ato sexual? Como fixar sobre o papel, ou sobre a tela, o momento fugidio do erotismo? – as questões que pulsam nas memórias obscenas de Crasso ou nos quadros licenciosos de Clódia estão no centro do texto, revelando as inquietações que marcam a ficção erótica da própria autora. O problema que se coloca para Hilda Hilst – ela também estreando na pornografia ao escrever a trilogia – é o mesmo que move seus personagens, girando em torno dos dilemas da representação do sexo. "Esse negócio de escrever é penoso" – confirma o narrador ao procurar exprimir uma volúpia física que ele mesmo considera "indefinível".

Os *Contos d'escárnio – textos grotescos* propõem uma resposta singular para essas questões de fundo da literatura erótica. Valendo-se do espírito satírico que caracteriza as "cantigas de escárnio" da tradição medieval portuguesa, o livro lança mão de uma fabulosa quantidade de gêneros literários sem se fixar em qualquer um deles, dando livre curso a uma paródia vertiginosa. À proliferação de referências ao cânone acrescentam-se as mais diversas formas discursivas, como diálogos, poemas, textos dramáticos, fluxos de consciência, receitas, comentários, fábulas, piadas e fragmentos de toda ordem – tudo isso expresso em uma mistura babélica de línguas que só faz desnortear o leitor.

Como observa Alcir Pécora na apresentação ao volume, essa opção pela desordem narrativa "pode ser interpretada como uma resposta irônica à literatura de mercado".[4] Ao realizar um inventário da mercadoria literária

[4] PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. In: HILST, Hilda. *Contos de escárnio, textos grotescos*, p. 6.

mais estereotipada, o narrador coloca em questão o lixo cultural produzido no país, criticando a supremacia do *best seller*. Mas sua visada, conclui o crítico, não se reduz a isso: o personagem vai além e faz da hegemonia da indústria cultural a condição de sua própria literatura, criando uma pornografia descontrolada, que excede as normas do mercado.

Ora, levada assim ao extremo, tal estratégia vem perturbar não só a economia sobre a qual se organizam os textos obscenos em relação ao movimento maior da literatura, mas ainda a própria economia literária em geral. Vejamos por quê.

Na hierarquia dos discursos, a ficção erótica costuma ocupar um lugar pouco nobre, sendo quase sempre considerada um gênero menor. Isso se deve ao fato de que esse tipo de literatura só adquire o *status* de gênero a partir dos temas que mobiliza, e nunca por conta dessa ou daquela opção formal.[5] Trata-se, geralmente, de escritos sem pretensões literárias, nos quais os efeitos estilísticos são relegados a um segundo plano em função de uma lei maior: a repetição. De fato, a maior parte dos livros pornográficos limita-se a repetir um certo mote, combinando cenas de um repertório sexual limitado com o intuito de excitar o leitor – o que, do ponto de vista estrito da leitura, tende não raro a induzir ao tédio.

Na qualidade de produção literária inferior, a pornografia é normalmente aceita – ou, pelo menos, tolerada. Seu poder de transgressão é, nesse sentido, quase nulo. Na verdade, o texto erótico só consegue realmente escandalizar quando ele deixa de obedecer às leis do gênero menor, perturbando a zona de tolerância que cada cultura reserva às fabulações sobre o sexo. O escândalo de Sade não foi o de escrever obras obscenas, o que aliás era corrente na literatura libertina setecentista, mas sim o de deslocar o pensamento iluminista para a alcova lúbrica, aproximando a filosofia do erotismo. Assim também, se Flaubert escandalizou a moral francesa do século XIX, não foi apenas por ter criado uma heroína adúltera, como faziam os autores pornográficos de sua época, mas por tê-lo feito em uma das obras-primas do realismo.

O potencial de subversão dos livros eróticos está diretamente ligado à sua capacidade de colocar em xeque os códigos do sistema literário vigente em cada sociedade – transtornando a ordem dos discursos a partir da qual se organizam as culturas. O escândalo acontece, pois, quando os temas obscenos abandonam o gueto onde se confinam os gêneros inferiores e se

[5] Ver, nesse sentido, HUNT, Lynn (Org.). *A invenção da pornografia*. São Paulo: Hedra, 1999; SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In: *A vontade radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; e MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos do Gênero – Pagu/Unicamp, n. 20, primeiro semestre de 2003.

associam às expressões legitimadas como superiores. Ou, dizendo com Hilda Hilst, quando a "putaria das grossas" se aproxima da metafísica.

Os *Contos d'escárnio – textos grotescos* trabalham com a aproximação entre o alto e o baixo de uma forma quase didática. A começar pelo fato de ser uma obra assinada por uma escritora da chamada "grande literatura" – o que, por si só, desautoriza sua filiação ao tipo de pornografia que lota as prateleiras do mercado de sexo. Além disso, a insistente associação entre obscenidades e referências eruditas opera no sentido de nivelar os discursos em questão, embaralhando-os por completo. Por fim, essa subversão torna-se ainda mais intensa com a intrigante fusão de gêneros que o volume põe em cena.

O notável poder de desvio da ficção erótica de Hilda Hilst decorre justamente de sua recusa em reproduzir qualquer convenção corrente, seja do gênero menor, seja de qualquer outro.[6] É nesse ponto que se afirma a efetiva capacidade de transgressão do texto, manifesta numa perfeita sintonia entre forma e fundo: para responder aos dilemas da representação do sexo, mas sem acatar as restrições impostas à pornografia, a autora perverte as leis literárias, criando uma prosa em que os gêneros se degeneram. Uma prosa degenerada.

Tal é a escandalosa lição que esse livro propõe ao leitor: uma vez degenerado, o texto fica livre para promover as associações mais bizarras e imprevistas, revelando certas relações entre corpo e espírito que nossa cultura, por tradição, tenta esconder. É o que acontece com o deboche escrachado de Crasso, que, ao fazer *tabula rasa* de todos os discursos, expõe os pontos de toque entre o pensamento e as demandas carnais. Suas aproximações insólitas zombam do ascetismo da vida intelectual, insistindo na idéia de que todo conhecimento tem uma única e inequívoca origem: o sexo.

Entende-se por que o narrador muitas vezes dialoga com um interlocutor imaginário que, tratado como ignorante e picareta, é suposto como integrante do meio universitário. "Isto aqui não é cartilha para esse pessoalzinho que está fazendo mestrado" – diz o personagem, reiterando logo em seguida com o mesmo didatismo: "Se você for PhD, leia até o fim. Se não, pule esta". Figura emblemática das elevadas aspirações do saber, em contraste ao baixo corporal do erotismo, o intelectual é o alvo privilegiado da agressiva pedagogia de Crasso, que não perde a ocasião de ironizar: "Credo! Como é difícil o texto didático."

[6] Para um aprofundamento da questão, remeto a meu ensaio "Da medida estilhaçada", em *Cadernos de Literatura Brasileira – Hilda Hilst*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 8, out. 1999.

Crítica radical à hegemonia do lixo cultural, mas também à suposta superioridade das elites intelectuais, o livro de Hilda Hilst sugere que entre esses pólos da nossa cultura também existem relações mais complexas do que normalmente se costuma admitir. Tal sugestão não deixa de ser intrigante – e mereceria uma exploração mais atenta. Afinal, como ensinam esses *Contos d'escárnio – textos grotescos*, a exemplo de toda a obra obscena da autora, as cumplicidades entre o alto e o baixo sempre podem reservar surpresas para o pensamento.